

da ironia, quando não tomando a forma da desabrida invectiva aos profissionais da área. “Os psicanalistas são darwinistas” (LOPES, 2016a, p. 81), diz um poema do livro *Bandolim*, onde ainda se pode ler “consultei uma psicanalista medonha” (LOPES, 2016a, p. 120). De *Dobra*, que reúne a poesia de Adília Lopes publicada até 2014, pode-se pinçar dois outros exemplos semelhantes: “a Dr.^a Manuela Brazette, ela é que é uma porcalhona” (LOPES, 2014, p. 408) e “um psiquiatra é um prostituto” (LOPES, 2014, p. 407). Psiquiatras e psicanalistas não são, porém, os únicos objetos da ciência médica sob escrutínio do sujeito poético. Em seus escritos, há referências a teóricos e pesquisadores da área, a hospitais psiquiátricos portugueses, como Miguel Bombarda e Júlio de Matos, e aos antigos médicos cientistas que lidavam com as chamadas “doenças dos nervos”, como o escocês William Cullen, que introduziu a categoria nosológica “neurose” no vocabulário médico no século XVIII. São fartas, ainda, menções aos psicofármacos e aos efeitos adversos que provocam no organismo, assim como à displicência com que são prescritos esses “medicamentos do espírito” (ROUDINESCO, 2000, p. 21). Pegue-se como exemplo o poema “Duas intrujonas”, de *Bandolim*, no qual o sujeito poético equipara a psiquiatra à cabeleireira já a partir do título, igualando-as na displicência com que atendem a paciente-cliente:

Nunca tive pesadelos e nunca tive dores de cabeça. Uma vez uma médica psiquiatra não percebeu nada do que eu lhe disse, não trabalhou, mandou-me tomar Surmontil, um remédio para não ter pesadelos.

Uma vez uma cabeleireira impingiu-me um spray para o cabelo para eu pôr quando estava na praia. Eu nunca ia à praia (LOPES, 2016a, p. 117).

Essa discussão torna-se ainda mais inquietante ao se considerar o jogo autobiográfico que atravessa a obra de Adília Lopes, no qual a tematização reiterada dos distúrbios mentais cruza-se com declarações nas quais a poeta torna pública sua doença psíquica, como nesses trechos extraídos de entrevistas, o primeiro deles para uma revista literária: “É claro que o poeta é sempre o idiota da família, o maluquinho” (DIOGO; SILVESTRE, 2001, p. 22). Ou um segundo trecho, retirado de um jornal diário de Lisboa: “Eu vivo de uma maneira sofrida actualmente porque tenho uma doença psíquica, posso vir a ter dificuldades de dinheiro e o mundo não está cor-de-rosa” (LOPES, 2008, p. 109). Essas declarações encontram-se espelhadas em poemas, contendo até mesmo

correspondências lexicais, como nos versos: “Adília / a idiota / da família” (LOPES, 2014, p. 636), “Tenho uma doença mental / [...] Meus miolos estão à mostra como a mioleira da vaca no balcão de talho” (LOPES, 2014, p. 419) e “Tomo Risperidona. A Risperidona é um remédio ríspido. Torna-me gorda e lenta” (LOPES, 2014, p. 647).

O sentimento de inadequação social que atravessa a poesia de Adília Lopes pressupõe o seu oposto, a conformação às normas. Pensar a normatividade e a normalização torna necessário pensar na progressiva transformação semântica que deu origem à ideia de “normal” como aquilo que é usual, comum, adequado ou aceitável, assim como a noção assumida no âmbito da ciência médica, que é “sem defeitos ou problemas físicos ou mentais”. Esta segunda acepção situa qualquer desvio anatômico ou fisiológico, na categoria da anormalidade, fazendo da normalidade dos corpos, dos órgãos e dos processos fisiológicos ou psíquicos a negação da anormalidade, da doença e da anomalia.

Esses dois significados, tão distintos quanto são usuais, obrigam a um questionamento: de que (a)normalidade está falando o sujeito poético adiliano? Algo ou alguém é considerado anormal em relação a quê? E como se opera essa questão epistemológica subjacente aos versos? O ponto de partida será o poema sem título e não datado, publicado por Adília Lopes originalmente em *O peixe na água*, de 1993:

O mongoloide alegre-se
com a viagem de autocarro
a que mais ninguém acha graça
e o atrasado mental diverte-se
com a caixa de soutiens vazia
que traz uma menina na capa
com um simples soutien branco
e ar asseado
duas penas vivas para os outros
pobres de espírito ricos de espírito
lixo biológico da luta pela vida
ganhadores
alquimistas (LOPES, 2014, p. 193)

O transporte coletivo é o espaço racional, utilitário e planificado – e, portanto, moderno – em que irrompe o incômodo da coexistência com o “anormal”, personificado por duas pessoas com deficiência intelectual, denominadas cruamente como “mongoloide”, “atrasado mental” e “penas

Entre essas inúmeras categorias nosológicas relativas ao “atraso mental” também estariam “cretinos, idiotas, cretinoides, imbecis e retardados” (PESSOTTI, 1993, p. 75-76) e seus tipos e graus. E todos esses termos se equiparam ao conceito de anormal, que tem como uma de suas acepções dicionarizadas “aquele que apresenta desenvolvimento físico, intelectual ou mental defeituoso”.

Cristãos incômodos antes, passageiros inconvenientes no presente do poema, o “mongoloide” e o “atrasado mental” permanecem alheios às classificações e aos demais passageiros: um “alegra-se”, outro “diverte-se” com a viagem ou com uma caixa de *soutien*, verbos que fazem um contraponto às denominações depreciativas, revelando um aspecto lúdico que ameniza a cena, assinalando mais uma vez a diferença do olhar lançado pelo sujeito poético a essas duas pessoas. Os deslocamentos de sentido, a intersecção dos tempos e a sobreposição de vozes nesse poema admitem uma reflexão sobre a questão do normal e da anormalidade na poesia de Adília Lopes a partir da obra *O Normal e o Patológico*, do filósofo e médico Georges Canguilhem, trabalho que se tornou referência na epistemologia histórica contemporânea ao investigar os sentidos que os termos normalidade, anormalidade e anomalia adquiriram no decorrer da história, assim como a ideologização e a naturalização desses conceitos.

Canguilhem discorre sobre a origem inequivocamente técnica do termo “normal”, proveniente do latim *normālis*, que significa “de acordo com a norma”. O vocábulo latino *norma*, por sua vez, é a designação para um instrumento que marca ângulos retos, o esquadro. Com esse sentido técnico, a palavra “normal” entrou no vocabulário francês por meio das reformas sanitária e educacional do final do século XVIII, que instituíram regras para a saúde pública e os hospitais, assim como para a padronização e a expansão do ensino, com a criação das chamadas escolas normais. A adoção do termo, porém, reflete um processo de normalização social iniciado um século antes, com o próprio estabelecimento da norma gramatical culta francesa, a regulamentação dos recursos e procedimentos militares e a padronização dos artigos manufaturados ainda artesanalmente:

Entre 1759, data do aparecimento da palavra normal, e 1834, data do aparecimento da palavra normalizado, uma classe normativa conquistou o poder de identificar a função das normas sociais com o uso que ela própria fazia das normas cujo conteúdo determinava (CANGUILHEM, 2017, p. 195).

sentido é a criação do seu oposto, por inversão ou violação das regras, do a-normal que antecede qualquer propósito regulativo.

Outra partilha de conceitos que Canguilhem estabelece é a distinção entre “anormalidade” e “anomalia”, termos frequentemente tomados como equivalentes. Essa equivalência teria partido de um equívoco etimológico: o *Vocabulaire Technique Et Critique de La Philosophie*, de André Lalande, esclarece que o vocábulo grego *anomalia* significa “desigualdade, aspereza” e *omalos* designa “o que é uniforme, regular, liso”. Assim, etimologicamente “anomalia” é *an-omalos*, aquilo que se mostra desigual, rugoso ou irregular (cf. CANGUILHEM, 2017, p. 84-85). Em outras palavras, “anomalia” indica um fato e refere-se à descrição de um estado ou característica, enquanto “anormal” diz respeito à atribuição de valor segundo determinadas regras. Utilizado originalmente na zoologia com o sentido de “insólito” ou “inusual”, o termo “anomalia” foi empregado para apontar um fato biológico da diversidade, uma variação que ocorre na morfologia ou nas funções orgânicas de um indivíduo, que o difere dos demais indivíduos de uma espécie. Ou seja, para a zoologia, a anomalia é expressão da diversidade dos seres, uma norma única, diversa, peculiar e específica de vida. Frequentemente, a anomalia sequer é percebida, porque não representa um impedimento para o funcionamento do organismo, tal como ocorre com a dextrocardia, por exemplo, que é um deslocamento do coração para o lado direito do corpo ou inversão dos compartimentos cardíacos. Assim, não é uma condição que equivalha necessariamente a uma patologia; somente se torna objeto da atenção médica ou científica quando prejudica a ordem vital. No entanto, consolidou-se a equivalência do termo “anomalia” às disformidades graves ou fatais, e estabeleceu-se a percepção negativa das formas de vida anômalas em relação a um modelo idealizado de ser humano.

De volta ao poema de Adília Lopes, ainda que a anomalia cromossômica não impeça o passageiro com Síndrome de Down de viver *a seu modo*, ele é visto pelos demais como anormal, como uma patologia corporificada. Mais um salto no tempo e é empregado num dos versos a contemporânea expressão “lixo biológico” para qualificar os dois deficientes. Trata-se de uma alusão ao conceito de anomalia morfológica congênita, hipótese já discutida pela medicina do século XIX como causa das idiotias, como derivação da teoria da degeneração, que no começo do século XX passou a ser considerada “erro nato do metabolismo”

decorrente da naturalização do comportamento competitivo dos indivíduos pela ascensão social ou dos imperativos de crescimento do mercado.

A oposição entre normatividade vital e normalização social se apresenta no poema sob a forma do potencial conflito entre as duas pessoas com deficiência e “os outros” durante uma viagem de ônibus, que é uma figuração metonímica das estruturas de normalização social. A voz do sujeito poético descreve o abalo na normalidade, carregando de tensão esse encontro no autocarro com o emprego dos termos “mongoloide” e “atrasado mental”, pejorativos e arcaicos. A alegria e o divertimento da dupla também contrastam com a indiscernibilidade dos demais, homogeneizados pela suspensão temporária das identidades e pela obediência ao papel de passageiros, em conformidade com o uso que se espera de um ônibus, esse “não-lugar” estritamente utilitário, vazio de identidade, relações e memória (cf. AUGÉ, 2016, p. 36). Ao situar os “anormais” em primeiro plano e no centro do acontecimento, o sujeito poético abre espaço para a diversidade de modos de vida excluídos da normalidade e existentes antes da intenção regulatória que determinou o que é ou não normal.

O normal é o efeito obtido pela execução do projeto normativo, é a norma manifestada no fato. Do ponto de vista do fato há, portanto, uma relação de exclusão entre normal e anormal. Essa negação, porém, está subordinada à operação de negação, à correção reclamada pela anormalidade. Não há, portanto, nenhum paradoxo em dizer que o anormal, que logicamente é o segundo, é existencialmente o primeiro (CANGUILHEM, 2017, p. 193).

O conflito latente que se manifesta no poema denuncia a falta de consenso em relação às normas; é um lembrete da permanente contestação à normalização, “sinal de que [...] a sociedade, sede de dissidências contidas ou de antagonismos latentes, está longe de se colocar como um todo” (CANGUILHEM, 2017, p. 205). O sujeito poético atribui justamente a dois excluídos da normalidade a capacidade de ação e de resignificação de uma atividade rotineira, subvertendo os imperativos de velocidade, controle e eficiência da organização produtiva capitalista. Ao reivindicar e encarnar em si uma outra ordem de espaço e tempo, as “penas vivas” convertem-se em “ganhadores” e “alquimistas”, aqueles que têm o poder de converter obediência em potência e de transformar a desumanidade do “não-lugar” em alegria e prazer.

DIOGO, Américo L.; SILVESTRE, Osvaldo M. “Entrevista de Adília Lopes”. *Inimigo Rumor Revista de Poesia*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 18-23, 2001.

LOPES, Adília. “Como se faz um poema?”. *Inimigo Rumor Revista de Poesia*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 109-110, 2008.

LOPES, Adília. *Dobra – Poesia Reunida*. Porto: Assírio & Alvim, 2014.

LOPES, Adília. *Bandolim*. Porto: Assírio & Alvim, 2016a.

LOPES, Adília. *Z/S*. Lisboa: Averno, 2016b.

PESSOTTI, Isaias. *Deficiência mental: da superstição à ciência*. São Paulo: EDUSP, 1993.

ROUDINESCO, Elizabeth. *Por que a psicanálise?* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Recebido em 2 de maio de 2021

Aprovado em 26 de setembro de 2021

Lilian Honda

Doutorando em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo. Mestra em Literatura Portuguesa e Bacharel em Letras-Língua Portuguesa pela mesma Universidade.

Contato: lilian.honda@usp.br

 <https://orcid.org/0000-0001-6230-5019>

A *Revista Desassossego* utiliza a **Licença Creative Commons Attribution** que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.